

POR UMA ESCRITA DE PESQUISA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

LEANDRO HAERTER¹; ANGELITA SOARES RIBEIRO²; HÉLCIO FERNANDES BARBOSA JÚNIOR³; DENISE MARCOS BUSSOLETTI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense Câmpus Pelotas – leandro@pelotas.ifsul.edu.br

²Universidade Federal de Pelotas/Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-riograndense Câmpus Pelotas - CaVG – angelitalibeiro@cavj.ifsul.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – helcio_rs@msn.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – denisebussolletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Em nossos trabalhos de campo sempre estamos dialogando com um “outro”. Esse “outro”, é o interlocutor do pesquisador, um sujeito que pensa, narra, conta histórias, elabora textos e produz conhecimentos. No entanto, comumente não percebemos a presença de sua voz nos textos, muito embora, este “outro” interaja com o pesquisador nas mais diversas situações de campo. Este lugar enunciativo não possibilita que o leitor ouça os silêncios do texto e não dá conta de mostrar que os textos são habitados por outras vozes, além da voz do pesquisador.

Este texto, nesta perspectiva, emerge de uma pesquisa em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, que discute a temática da alteridade na perspectiva do conceito de escrita de pesquisa (AMORIM, 2001), identificando e analisando rastros (BENJAMIN, 1994; GINZBURG, 2012) e pedagogias culturais (CAMOZZATO, 2012) presentes nas narrativas de dois sujeitos quilombolas contadores de histórias.

O conceito de escrita de pesquisa de AMORIM (2001) nos ajuda a problematizar o lugar desse “outro” no texto propriamente dito. Um lugar que pode ser negligenciado ou privilegiado, de acordo com forma de escrita do pesquisador e sua relação com a alteridade. O conceito de rastro (BENJAMIN, 1994), por sua vez, trata-se de uma categoria benjaminiana capaz de elaborar reflexões a respeito de diversos objetos, à medida que pode ser compreendido como “[...] Um elemento fragmentário, residual, pode ser lido como cifra de uma trajetória que o ultrapassa – a história de um indivíduo, uma sociedade, um país [...]” (GINZBURG, 2012, p. 108), envolve o esforço de pensar na existência à luz de perdas, sendo, portanto, uma condição para a produção de conhecimentos acerca de determinada realidade. Já o conceito de pedagogias culturais (CAMOZZATO, 2012) se refere a locais/espacos onde acontecem aprendizagens, sem que haja um processo intencional com isso, a partir de linguagens, tradições, discursos, textos são pedagógicos e contribuem para a formação de sujeitos de determinado tipo. Trata-se do reconhecimento de uma pluralidade de saberes que não são escolares, cujas pedagogias, vão criando condições favoráveis para a construção de diferentes sujeitos. Outro conceito fundamental, é o de quilombo que, nos termos de O'DWYER (2002, p. 18): [...] não se refere a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica [...] consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio [...]. Quilombos, assim, são espacos de resistência e de contação de histórias, cujas africanidades presentes na preservação de seus saberes, conhecimentos e fazeres constituem verdadeiros exemplos de como podemos aprender a “escrever” e a “ler” a partir de uma perspectiva outra, reconhecendo

assim a contação de histórias presentes em suas narrativas como fonte válida de conhecimento, cujos rastros e pedagogias culturais presentes em seu interior constituem fundamentos para serem lidos, considerando sobremaneira os protagonismos de suas vozes no texto de pesquisa. São lugares onde existe fortemente a presença de narradores que transformam o vivido em experiência compartilhada (BENJAMIN, 1994) e onde se projetam futuros coletivos.

Nessa perspectiva, propomos um diálogo entre a Filosofia da Linguagem, Antropologia Social e Educação, tomando AMORIM (2001), BENJAMIN (1994), GINZBURG (2012), ANJOS; BAPTISTA DA SILVA (2004), O'DWYER (2002), CAMOZZATO (2012), GIROUX E MACLAREN (1995). No que se refere à Metodologia, utilizaremos a proposta de Entrevista Narrativa de JOVCHELOVITCH; BAUER (2013), tomando como referencial empírico dois narradores de duas comunidades quilombolas localizadas no 5º Distrito do município de Cangaçu, quais sejam: a comunidade quilombola Cerro das Velhas e a comunidade quilombola da Armada.

O “outro” para nós, aqui, neste projeto, é o sujeito quilombola. Sujeito descendente de antigos escravos, cuja tradição oral enriquece nosso repertório de conhecimentos. Sujeito que desenvolveu e desenvolve estratégias próprias para a manutenção de suas crenças e culturas. Sujeito que luta pela manutenção de seu território tradicionalmente ocupado. Sujeito que muito ensina sobre os mitos de origem de sua comunidade e seu modo de vida. Sujeito dotado de uma memória coletiva, cujas narrativas atravessam o Atlântico fazendo um elo Brasil-África. Sujeito detentor e mantenedor de fragmentos específicos da cultura popular brasileira. Sujeito portador de riquíssimas histórias acerca de sua trajetória, identidade e relação com alteridades outras. Enfim, sujeito que produz texto e constrói conhecimento!

2. METODOLOGIA

Para fins desta pesquisa, trabalhamos com a abordagem qualitativa de pesquisa em educação, tendo em vista que “[...] a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada [...]” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13), é a preocupação central dessa abordagem, cujas técnicas direcionadas “[...] em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13).

No que se refere à metodologia, utilizamos a proposta de Entrevista Narrativa de JOVCHELOVITCH; BAUER (2013, p. 93), cujo método [...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...] Sua ideia básica é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes [...].

Compreendemos a Entrevista Narrativa como método qualitativo de pesquisa e também como técnica de coleta de dados. As entrevistas são não estruturadas e se contrapõem à lógica pergunta-resposta, que acaba por impor a estrutura das entrevistas na medida em que o pesquisador coloca o tema e seleciona perguntas. Na Entrevista Narrativa, os objetivos são alcançados através do contar e ouvir histórias, onde a narração é obtida através de uma provocação específica, questão que estimula o informante a contar a sua história, sendo ele o responsável pelo fluxo da narração. Dessa maneira, mais espontânea, acredita-se que a visão do entrevistado será melhor revelada do que num esquema tradicional de pergunta-resposta (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013).

Para fins de análise dos dados coletados a partir das Entrevistas Narrativas, utilizamos o modelo proposto por Schütze (apud JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013) que indica alguns passos para a análise da entrevista narrativa enquanto “[...] uma técnica para gerar histórias; ela é aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados [...]” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2013, p. 105), cuja opção metodológica e técnicas de pesquisa são pensadas no sentido de compreender as maneiras pelas quais o “outro” constrói e atribui significados ao seu dia a dia, tornando possível o processo de elaboração de uma escrita polifônica, onde as diferentes vozes que habitam a pesquisa sejam contempladas no processo de escrita propriamente dito, pois, de acordo com Amorim (2001), o método de pesquisa, assim como as suas técnicas, sempre possuem estratégias de encontro com o “outro”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento o processo de pesquisa se dedicou à delimitação do objeto de pesquisa, bem como do problema da investigação, definindo os principais referenciais teórico-metodológicos. O próximo passo será a submissão do projeto à Plataforma Brasil, tendo em vista questões éticas relacionadas a pesquisas com seres humanos. Depois disso, daremos início ao trabalho de campo propriamente dito, com os principais conceitos e metodologia já definidos.

4. CONCLUSÕES

Acreditamos que a principal inovação deste trabalho seja justamente a possibilidade concreta de trazer, para o interior do texto, o diálogo polifônico entre sujeitos quilombolas e pesquisador, valorizando a cultura, saberes, conhecimentos do “outro”, de modo a identificar rastros e pedagogias culturais presentes nas narrativas que possam estar dialogando nessa perspectiva de encontro.

Paralelamente a isso, o reconhecimento de que contribuições, experiências e vivências das alteridades quilombolas, tão historicamente negadas e silenciadas, venham a serem escritas e representadas nos enunciados dos textos científicos, tornando visível um novo olhar, uma nova perspectiva sobre essas culturas, através da escrita como lugar de problematização.

Uma outra questão que merece destaque, é a reflexão acerca de uma novidade no cenário educacional brasileiro: o processo de implementação da Educação Escolar Quilombola como uma nova modalidade da Educação Básica brasileira, enquanto política pública de educação para um segmento da população brasileira diferenciado cultural e historicamente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2001.

ANJOS, José Carlos Gomes; BAPTISTA DA SILVA, Sergio (Orgs.). **São Miguel e Rincão dos Martimianos**: ancestralidade negra e direitos territoriais. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CAMOZZATO, Viviane Castro. **Da pedagogia às pedagogias – formas, ênfases e transformações**. 203f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, James (Orgs.). **Walter Benjamin: rastro, aura e história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 107-132.

GIROUX, Henry; MACLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Antonio Flávio (Orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 144-158.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 11ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 90-113.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

O'DWYER, Eliane Cantarino. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/Associação Brasileira de Antropologia, 2002.